

ARTE E CULTURA ONLINE

Tema: **Pintura**

Autor: Gabriel Domingos

Data: 10 de Novembro de 2012



*Um crítico é um leitor que ruma
Friedrich Schlegel¹*

ARTIGO

ANÁLISE DA ILUMINURA DO PERÍODO DO ESTILO INTERNACIONAL

Resumo:

Tomando por base o Tema da Arte no Ocidente Europeu propõe-se neste artigo uma análise sobre a iluminura do período do estilo internacional tendo em conta i) as características de estilo da peça representada na imagem ii) as novidades plásticas trazidas pelos irmãos Limbourg à pintura e iluminura iii) e a época, tendo em conta o ambiente sociocultural vivido.

Palavras-chave: Arte no Ocidente Europeu, pintura e iluminura; estilo internacional, crítica de arte, teoria estética



*Les très riches heures du Duc de Berry, c. 1419,
Museu Condé (Chantilly)*

Nota do autor:

Estando em Desacordo com o Acordo Ortográfico de 1990 os artigos são escritos de acordo a não contribuir para a destruição dos vestígios do nosso património cultural e no consequente afastamento ante as línguas que preservaram as raízes etimológicas, como acto de resistência da inteligência sobre a ignorância.

As características de estilo da peça representada na imagem

A imagem apresentada é classificada como sendo a “*Les très riches heures du Duc de Berry*”, ou “*As Muito Ricas Horas do Duque de Berry*” e é extraída do Livro das Horasⁱ de iluminuras (*ricamente coloridas e decoradas como referência à devoção cristã, que servi para a leitura litúrgica em determinadas horas¹ do dia, daí Livro das Horas*), que foi produzido pelos irmãos iluministasⁱⁱⁱ Limbourg^{iv} para uma encomenda “(...) para o irmão de Filipe, o Calvo e, Carlos V: Jean, o Duque de Berry, o mais extraordinário patrono das artes do seu tempo”², sendo iniciado em 1413 (e deixado incompleto em 1416, ano da morte dos irmãos, sendo algumas das páginas terminadas muito tempo depois). O Livro de Horas é um tipo de manuscrito iluminado muito comum e muito de uso corrente na época da idade média.

Neste Livro das Horas, as iluminuras “(...) representam as actividades humanas e os ciclos da natureza, consistindo em 12 cenas isoladas, cada uma representando a correspondente actividade sazonal, segundo uma longa tradição da arte medieval”³. O livro apresenta um desenho do seu próprio hemisfério, com os signos do zodíaco, os nomes dos meses e o calendário lunar eclesiástico. A obra é composta por 416 páginas, das quais metade são páginas completamente ilustradas que estão entre as *obras-primas* pertencente ao período do chamado *Gótico internacional* (ou designado *estilo internacional*⁴ ou *Arte Cortês*), movimento artístico antecedente do forte *naturalismo* que viria a florescer no séc. XV, às portas do verdadeiro Renascimento. O Gótico Internacional fez um uso mais racional da perspectiva, de um modo que não tinha sido visto desde a Antiguidade. Era uma arte mais *naturalista* e que se *prendia aos detalhes*, porém mantendo um *forte carácter simbólico*, usando linhas *ricas, decorativas e coloridas*, característica das peças dos irmãos Limbourg.

Neste Livro das Horas, a peça mostrada é referente ao mês de **Junho** do calendário, sendo esse mês, o mês do tema da *estação da colheita*. Esta iluminura é uma ilustração de uma cena com camponeses a ceifarem o feno dos campos, em harmonia e em paz (dentro da ordem social esperada).

Identificamos as curvas fluentes do estilo dos irmãos Limbourg, dos seus padrões aprazíveis, com um traço na pintura de *grande leveza e graciosidade do movimento* das *personagens esguias* retractadas (camponeses).

Vemos no primeiro plano, duas mulheres, como *figuras centrais* de maior proximidade ao observador, uma a bater/tratar o feno e outra a colocá-lo numa pilha com um encinho e, vemos três homens ceifeiros na lateral direita, mais distantes assim deste 1º plano da composição central, demonstrando a *ênfase da mulher*, no seu conjunto. As árvores são esquemáticas e convencionais. Vêem-se ainda em pormenor na composição, outras personagens, representadas na lateral esquerda inferior, num pequeno barco no rio e, nas escadas que levam até a um dos portões do Castelo, sendo esta parte da cena retractada sobre o rio Sena, que ladeia a casa (castelo) do Duque de Berry. O Castelo paira por cima de toda a cena, sobressaindo o *papel do seu patrono* e do seu *poder económico* na cena (destinada à apreciação do mesmo). Vemos o contraste de cores, na conjugação do azul do céu, com o azul dos telhados e dos vestidos das duas ceifeiras, cortado pelo branco esmalte do Castelo e, da excepção de um grande telhado à esquerda a cor laranja e de outro mais pequeno, à direita, para sobressair desse grande plano azul. O efeito tricolor das vestes dos três ceifeiros à direita, com um vestido de cada cor, tendo como fundo um chão mais escuro do que o das ceifeiras à esquerda, revela o efeito típico colorido e dos contrastes, nas iluminuras. Vê-se ainda um pormenor há direita, no edifício da *Sainte-Chapelle*, o grande *Vitral Rosácea* da torre, que é um dos *elementos caracterizadores* da *Arquitectura Gótica* da época.

A Obra das iluminuras dos irmãos Limbourg é classificada como talvez a mais importante do séc. XV.

¹ As horas eram *preces* a serem ditas numa das consideradas chamadas *sete horas canónicas* do dia (*matinas, laudas, prima, terça, sexta e não, as vésperas e as completas*).

² Cit. in Davies et. al, (2010). *A Nova História da Arte de Janson*, Fundação Calouste Gulbenkian, 9ª edição (pág. 488).

³ Cit. in Davies et. al, (2010). *A Nova História da Arte de Janson*, Fundação Calouste Gulbenkian, 9ª edição (pág. 488).

⁴ O Estilo Internacional ou Arte Cortês - termo batizado pelo historiador Louis Courajod no final do século XIX – é uma fusão da Arte Francesa, Italiana e norte-europeia - devendo-se principalmente à origem na Boémia que “*tornou-se um dos centros através do qual essa influência, oriunda da Itália e da França, se espalhou mais rapidamente. Os seus contactos chegaram à Inglaterra, onde Ricardo II casara com Ana da Boémia. A Inglaterra tinha comércio com a Borgonha. A Europa ou, pelo menos, a Europa da Igreja Latina, era ainda uma vasta unidade. Artistas e ideias circulavam livremente de um centro para outro e ninguém pensava em rejeitar uma realização por ser "estrangeira". O estilo que surgiu desse intercâmbio, em fins do século XIV, é conhecido entre os historiadores como o "Estilo Internacional"*, cit. in Gombrich (2001). *História da Arte*, (pág. 148).

As novidades plásticas trazidas pelos irmãos *Limbourg* à pintura e iluminura da época, tendo em conta o ambiente sociocultural vivido.

O contexto socioeconómico da época (finais do séc. XIV) é de grandes melhorias económicas e sociais, onde passava de uma economia maioritariamente agrária e latifundiária, para uma economia urbana, uma “(...) *economia baseada na manufactura e no comércio* (...) muitos dos habitantes pertencentes das cidades pertenciam às classes intermédias, cujos os estratos superiores, letrados, dispunham de tempo livre e de rendimentos confortáveis”⁵.

O papel de uma nova Classe Social de consumidores de Arte e Cultura, as Classes intermédias (*com as novas profissões associadas a essas actividades económicas*) começaram a sobressair às classes tradicionais do Clero e Aristocracia, em influência e relevância na ordem social, impactando no evoluir da Cultura Europeia e nas Artes então produzidas e mecenaticamente por eles agora apoiadas, mais do que nunca, principalmente, para serviço e prazer dos seus mecenas. A maior afluência de fluxos monetários na economia (*reflectindo-se também nas condições para uma maior alfabetização*) ou a necessidade emergida por inovações tecnológicas (*como foi o caso da Imprensa, que estimulou o acesso e culto do conhecimento em maior escala*), face à procura de novos produtos e mercados, tornaram possível uma mudança na estrutura sociocultural da época. A diversidade das expressões religiosas⁶ (e a grande Cisma) na época, bem como o cruzamento e intercâmbio de experiências de vários artistas em mobilidade pela Europa, acompanharam esta mudança no ambiente sociocultural vivido.

Entre as novidades plásticas na obra dos irmãos *Limbourg*, nesse ambiente sociocultural vivido, destacam-se:

- ✓ Nos *detalhes extremamente precisos* - característicos do seu estilo (*que exigia lupas e pincéis finíssimos para a sua execução*) - onde o *acumular de pormenores* enriquece o *realismo da imagem* e do seu *significado*, fazendo uma representação *realista e naturalista* dos *detalhes* e dos *pormenores*, (que é um traço distintivo do gótico internacional, em relação ao séc. XIII, por exemplo).
- ✓ Os irmãos *Limbourg* inovaram também com a *forma de apresentação* dos temas tradicionais, na altura. A passagem do tempo nas iluminuras, por exemplo, é notada de várias formas nas páginas: uma secção semicircular ao cimo assinala numericamente os dias e inclui os signos astronómicos para o mês e em baixo vêem-se os trabalhos quotidianos referentes ao mês em que se insere. É uma *visão idealizada da ordem social* no feudalismo, com o *relevo do prestígio do patrono* e a novidade das imagens (*que era destinada ao olhar do proprietário das terras e do Castelo*).
- ✓ É dada prioridade às *paisagens* que são tratadas com um *realismo extremo*. Pela primeira vez, a paisagem é vista como um *motivo independente*: as cenas desenvolvem-se sob um céu anilado, em contraste com uma arquitectura perfeitamente delineada. É também a descoberta do céu como *elemento expressivo* e ao mesmo tempo, a descoberta da *superfície da Terra* como palco onde se desenrolam cenas da vida cotidiana.
- ✓ Há uma *composição cuidadosa*. A riqueza das cores e os salpicos de folha de ouro, na secção do calendário contribuem para o *carácter sumptuoso*⁷ da página. Os *Limbourg* utilizaram uma grande variedade de cores obtidas através de minerais, plantas ou produtos químicos, misturados com goma-arábica para ligar a tinta. Entre as cores incomuns que utilizaram estão a verde íris, obtido esmagando-se flores e massicote (óxido de chumbo), o azul ultramarino, feito de lápis-lazúli orientais triturados. Esta cor era usada para representar os azuis brilhantes.

⁵ Cit. in Davies et. al, (2010). *A Nova História da Arte de Janson*, Fundação Calouste Gulbenkian, 9ª edição (pág. 483).

⁶ Que influenciou bastante o aumento da literacia, com uma maior alfabetização (e leitores individuais).

⁷ As características estilísticas do Gótico internacional são as *linhas ricas, decorativas e coloridas*, com uso abundante do ouro, onde o estilo formado, a partir dos diversos estilos góticos, tem “(...) um gosto por objectos feitos de materiais sumptuosos de formas elegantes, baseados no estilo gótico”, cit. in Davies et. al, (2010). *A Nova História da Arte de Janson*, Fundação Calouste Gulbenkian, 9ª edição (pág. 485).

Bibliografia:

- Davies et. al, (2010). *A Nova História da Arte de Janson — A tradição ocidental*, Edições Fundação Calouste Gulbenkian (9ª edição).
- Gombrich, Ernst Hans (2001). *A História da Arte*, Edições Público — Comunicação Social (16ª edição).

Notas de fim

ⁱ SCHLEGEL, Friedrich (1994). *Conversa sobre Poesia e outros Fragmentos*. Tradução, prefácio e notas de Victor-Pierre Stirnimann. São Paulo: Iluminuras, p. 83.

ⁱⁱ “Embora a pintura de cavalete tenha crescido em importância, a iluminura permaneceu um meio artístico de relevo na Europa do Norte”, cit. in Davies et. al, (2010). *A Nova História da Arte de Janson*, Fundação Calouste Gulbenkian, 9ª edição (pág. 487). No final da Idade Média manifesta-se a necessidade de um livro mais acessível aos leigos. Este modelo litúrgico desenvolveu-se muito lentamente durante o século XIV, sendo um livro de devoções privadas (não expostas ao público, em geral) que retoma o papel anterior do chamado saltério. Apesar das variações de formato e da abundância de ilustração, todos os Livros de Horas são concebidos segundo um mesmo esquema base, uma matriz, que, no entanto, vai sofrendo exceções, começando com um calendário elaborado - exclusivamente - em função das festas religiosas. Segue-se depois numerosas preces. Estas, compostas em grande parte de salmos, seguem o ritmo cotidiano — as matinas, laudas, prima, terça, sexta e nã, as vésperas e as completas escalonam o dia. O livro de horas que foi o equivalente na época da baixa Idade Média, a um “best-seller” entre as classes mais abastadas, sendo que a sua utilização sempre ficou limitado à leitura privada, alheia às cerimónias públicas e colectivas (religiosas ou não). Todos os grandes patronos e classes sociais significativas tinham o seu Livro de Horas, muitas vezes o único da estante. Mesmo os analfabetos, que decoravam suas orações. Modestos ou sumptuosos, exerceram um papel de suma importância social, na época, seja como cartilha, como guia para a aprendizagem da leitura, seja como símbolo de riqueza de quem os possuía. Com o Livro de Horas a forma de expressão artística da iluminura alcançou o ponto da sua perfeição, assim como um esplendor jamais igualado até esse momento.

ⁱⁱⁱ Desde o século XII, começaram a instalar-se nas principais cidades europeias vários ateliês laicos de iluminura, formados por profissionais que paulatinamente foram arrebatando às comunidades religiosas o monopólio da edição de manuscritos (pondo fim ao secular monopólio eclesiástico que até o século XIII, a produção das iluminuras estava confinada meramente aos Mosteiros).

^{iv} Os irmãos Limbourg, Pol, Herman e Jean, são oriundos da zona de Nijmegen, da província de Guéldria, na Holanda, mas ficaram para a história como sendo de nacionalidade Alemã. É aceite a década de 70 do séc. XIV para situarmos o seu nascimento. Eram oriundos de uma família de artistas, o pai era escultor de madeira e um tio trabalhou para a Rainha de França e para o Duque da Borgonha. Em 1402, estavam ao serviço do Duque da Borgonha e em 1408 iniciam a sua relação profissional com o Duque de Berry, um grande amante das artes. Sabe-se que executaram várias obras para o nobre borgonhês, mas a sua maioria perdeu-se. Por volta de 1416, os três irmãos Limbourg morrem, fruto de um surto de epidemia.

^v “ (...) associado à ascensão e prestígio da monarquia Francesa, as suas últimas manifestações foram profundamente influenciadas pelas formas de tradições de França (...) cujos artistas adoptaram alguns dos elementos de Itália do séc. XIV, incluindo artifícios espaciais imitados por Ducio e de Pietro Lorenzetti e certos temas e composições, tais como o de aristocratas gozando os prazeres do campo”, cit. in Davies et. al, (2010). *A Nova História da Arte de Janson*, Fundação Calouste Gulbenkian, 9ª edição (pág. 485).